

A REPRESENTAÇÃO DA VIDA DIÁRIA E DO ESPAÇO SOCIAL NA OBRA *ELES ERAM MUITOS CAVALOS, DE LUIZ RUFFATO*

Francisco Aquinei Timóteo Queirós

Universidade Federal do Acre

<https://orcid.org/0000-0001-5085-7668>

Adel Malek Hanna

Universidade Federal do Acre

<https://orcid.org/0000-0002-1692-0341>

RESUMO:

O presente artigo propõe-se a analisar a obra *Eles Eram Muitos Cavalos*, de Luiz Ruffato, explorando sua abordagem inovadora na representação das dinâmicas do cotidiano e do espaço social. Para o desenvolvimento desta pesquisa, adotou-se a pesquisa explicativa, com o intuito de explicar como a vida diária e o espaço social se manifestam no romance. Para isso fez-se o uso da revisão bibliográfica e análise literária como método de pesquisa. No decorrer da escrita, foram apresentadas as categorias analíticas 'a vida diária' e 'os espaços sociais'. Na sequência, foi analisado o romance *Eles eram muitos cavalos*, a partir das categorias elencadas. Os resultados obtidos destacaram que a estrutura da narrativa alinhada ao próprio enredo demonstrou, de forma eficaz, como os elementos de fragmentação na narrativa contemplaram a representação da vida diária. junto a isso, a polifonia de gêneros textuais também se revelou como um instrumento relevante na construção dos espaços sociais. Observou-se, ainda, as múltiplas possibilidades que a obra proporcionou durante a análise socioespacial. Na discussão, ressaltou-se a relevância da obra enquanto representação de um olhar crítico sobre a sociedade, o que proporcionou uma epifania sobre as relações entre literatura, cotidiano e espaço social. Na conclusão, ficou evidenciado o papel da literatura contemporânea como uma engrenagem emancipatória de expressão e crítica, ampliando nossa compreensão sobre as complexidades da vida diária na contemporaneidade. Dessa forma, a análise da obra *Eles eram muitos cavalos*, de Ruffato, revelou-se uma contribuição valiosa para o entendimento da relação entre literatura, cotidiano e espaço social na contemporaneidade.

PALAVRAS-CHAVE: Vida diária. Espaço social. Polifonia.

ABSTRACT:

This article aims to analyze Luiz Ruffato's *They Were Many Horses*, exploring its innovative approach to representing the dynamics of everyday life and social space. To develop this research, explanatory research was adopted, with the aim of explaining how daily life and social space are manifested in the novel. To this end, a bibliographical review and literary analysis were used as research methods. In the course of writing, the analytical categories 'daily life' and 'social spaces' were presented. The novel *They Were Many Horses* was then analyzed using the categories listed. The results obtained showed that the structure of the narrative aligned with the plot itself effectively demonstrated how the elements of fragmentation in the narrative contemplated the representation of daily life. along with this, the polyphony of textual genres was also revealed as a relevant instrument in the construction of social spaces. We also observed the multiple possibilities that the work provided during the socio-spatial analysis. In the discussion, the relevance of the work as a representation of a critical view of society was highlighted, which provided an epiphany on the relationship between literature, everyday life and social space. The conclusion highlighted the role of contemporary literature as an emancipatory means of expression and criticism, broadening our understanding of the complexities of daily life in

contemporary times. In this way, the analysis of Ruffato's *They Were Many Horses* proved to be a valuable contribution to understanding the relationship between literature, everyday life and social space in contemporary times.

KEYWORDS: Daily life. Social space. Polyphony.

RESUMEN:

Este artículo tiene como objetivo analizar la obra de Luiz Ruffato *Eran muchos caballos*, explorando su enfoque innovador para representar la dinámica de la vida cotidiana y el espacio social. Para llevar a cabo esta investigación, se adoptó la investigación explicativa, con el objetivo de explicar cómo la vida cotidiana y el espacio social se manifiestan en la novela. Para ello, se utilizaron como métodos de investigación la revisión bibliográfica y el análisis literario. Durante la redacción se presentaron las categorías analíticas "vida cotidiana" y "espacios sociales". A continuación se analizó la novela *Eran muchos caballos* utilizando las categorías enumeradas. Los resultados obtenidos destacaron que la estructura de la narración alineada con la propia trama demostró eficazmente cómo los elementos de fragmentación de la narración contemplaban la representación de la vida cotidiana. Además, la polifonía de los géneros textuales también demostró ser un instrumento relevante en la construcción de los espacios sociales. También observamos las múltiples posibilidades que ofrecía la obra durante el análisis socioespacial. La discusión destacó la relevancia de la obra como representación de una visión crítica de la sociedad, que proporcionó una epifanía sobre la relación entre literatura, vida cotidiana y espacio social. La conclusión destacó el papel de la literatura contemporánea como medio emancipador de expresión y crítica, ampliando nuestra comprensión de las complejidades de la vida cotidiana en la época contemporánea. De este modo, el análisis de *Eran muchos caballos*, de Ruffato, demostró ser una valiosa contribución a la comprensión de la relación entre literatura, vida cotidiana y espacio social en la época contemporánea.

PALABRAS CLAVE: Vida cotidiana. Espacio social. Polifonía.

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo visa desenvolver uma análise sobre a representação da vida diária e do espaço social na obra *Eles eram muitos cavalos* (2013), de Luiz Ruffato, objetivando compreender de que maneira a obra aborda a noção de cotidiano e como esse aspecto se reflete no espaço social. Evidente que, por se tratar de uma escrita com foco em duas categorias, a vida diária e o espaço social, pretendemos utilizar apenas algumas passagens da obra para análise, a fim de destacar os aspectos da vida diária nos espaços sociais presente no romance, assim como o entrelaçar da vida diária e o próprio ato de narrar.

O problema norteador desta pesquisa partiu da leitura do romance *Eles eram muitos cavalos*, de Luiz Ruffato, ao percebermos que a obra foi escrita de forma fragmentada, representando em sua narrativa os aspectos da vida diária

e da polifonia de gêneros textuais que influenciam na compreensão das relações socioespaciais na narrativa.

Ao utilizar esse formato, Rufatto rompe com a estrutura tradicional de narrativa, possibilitando ao leitor um mergulho não só na trama que se desenvolve, mas na própria prática da vida diária imersa nos espaços sociais que se manifestam a cada excerto do texto.

Nesse processo, ressaltamos que a relevância da representação literária não se limita à linguagem descritiva ou representativa dos espaços ou ambientes em que as cenas se desdobram. Ela se caracteriza pelo conjunto de acontecimentos que se entrelaçam à vida diária, narrando acontecimentos que se manifestam a cada página, ou a cada cena que se desenvolve na narrativa de Ruffato, construindo-se no limiar de uma outra: as páginas da vida diária.

Para o desenvolvimento do estudo, faremos uma pesquisa bibliográfica a partir das categorias analíticas vida diária e espaços. Por meio do levantamento bibliográfico, será possível desenvolver a análise do romance *Eles eram muitos cavalos*, evidenciando não só a vida diária como engrenagem que conduz a transformações sociais, como também a compreensão do espaço social como entrelaçamento do cotidiano narrado.

A vida diária surge como uma representação dos momentos comuns das personagens, misturando-se ao comportamento dos leitores. O simples ato de caminhar olhando as vitrines de uma loja ou a necessidade de descrever sensações de perda e paixão se tornam situações que se desenrolam não simplesmente por acontecerem, mas porque fazem parte de algo maior, fazem parte da própria narrativa.

Quanto ao espaço social, este se manifesta como uma rede que interage entre espaços percebidos, concebidos e vividos. Esses espaços não se limitam apenas a espaços objetivos e mensuráveis, eles trazem consigo, também, significados subjetivos e emocionais, pois desempenham um papel relevante na construção sociocultural e identitária de indivíduos e grupos sociais.

É nesse embalo discursivo que a literatura evolui, transforma-se, metamorfoseia-se em obras de arte da vida diária, relatadas em um conjunto de letras, palavras, orações, períodos, parágrafos e textos. Muitas vezes, esses

elementos se apresentam aparentemente sem muito sentido em um texto literário, mas, ao olhar para o cotidiano, percebe-se que o que se produz não é uma história, mas sim um conjunto de histórias que se amalgamam, propondo um novo olhar para a vida cotidiana e para o próprio narrar.

2 A REPRESENTAÇÃO DA VIDA COTIDIANA

Discutir o cotidiano equivale a abordar a construção do espaço, especialmente do espaço social que constitui a narrativa de Ruffato, em *Eles eram muitos cavalos* (2013). Salientamos que os acontecimentos históricos estão intrinsicamente ligados ao cotidiano, e nós, em meio a isso, desempenhamos papéis ativos desses acontecimentos, seja como simples observadores ou como protagonistas em nossa prática da vida diária. O teatro da vida “real” se destaca como eventos que se desdobram de maneiras tangíveis em diferentes cenas. A interseção constante entre eventos históricos e não históricos cria uma tapeçaria única que molda nossa jornada dia após dia.

Nesse sentido, podemos dizer que a prática da vida diária se manifesta como uma engrenagem fundamental para que possamos compreender o espaço social e histórico. Segundo Felski (2000)

[...] a vida cotidiana é simplesmente, indiscutivelmente: o essencial, o contínuo de atividades mundanas que enquadra nossas incursões em mundos mais esotéricos ou exóticos. É a derradeira realidade não negociável, a base inevitável para todas as outras formas de esforço humano. (Felski, 2000, p. 76-77, tradução nossa)

Assim, a vida diária é a “derradeira realidade não negociável”, pois permeia todas as atividades humanas, servindo como o pano de fundo contínuo sobre o qual todas as outras dimensões da vida se erguem. Em situações extraordinárias, a prática da vida diária se apresenta como elemento que contribui para moldar e influenciar as experiências vividas, como descrito nas narrativas históricas, assim como nos relatos de viagens produzidos durante o período colonial. Ambas as narrativas relatam cenas do cotidiano refletem não só o processo de rupturas significativas na ordem espacial e social, como

também enfatizam a relevância da linguagem e dos discursos, nos possibilitando um vislumbre dos eventos da vida diária.

O movimento em prol de uma reflexão voltada aos estudos do cotidiano tem início no século XIX. Contudo, esse tipo de estudo era visto com desconfiança, uma empreitada sem sentido. Nessa perspectiva, Debord (1961, p. 90, tradução nossa) destaca em sua obra *Perspectives for Conscious Changes in Everyday Life*, dizendo que “estudar a vida cotidiana seria uma empreitada completamente absurda, incapaz até mesmo de apreender qualquer coisa de seu objeto, se esse estudo não tivesse explicitamente o propósito de transformar a vida cotidiana”. Logo, para ser visto como matéria a ser pesquisada, deveria promover transformações significativas na vida cotidiana das pessoas.

O olhar lançado por Debord (1961) sobre a vida diária, não estava negando o estudo sobre a vida diária, mas destacando o objetivo pela qual o estudo deveria empreender o olhar sobre o objeto em questão.

Contrariando o olhar desconfiado de estudiosos sobre o cotidiano durante o séc. XIX, os estudos voltados à vida diária foram ganhando espaço e adquirindo forma como fonte viável para promover reflexões e apresentar proposições que viessem a contribuir de forma significativa para a inteligibilidade do cotidiano, compreendendo que “a vida cotidiana é a medida de todas as coisas: do preenchimento (não) completo das relações humanas; do uso do tempo vivido; da experiência artística; e da política revolucionária” (Debord, 1961, p. 92, tradução nossa). Nesse sentido podemos dizer que os estudos da vida cotidiana passaram a ter um impacto significativo para várias áreas do conhecimento, entre elas os estudos socioculturais e identitários.

O potencial que podemos observar no uso da vida diária como categoria de análise abriu caminho para que fossem feitas incursões mais profundas e críticas, sobre diferentes perspectivas¹, referente à interação entre indivíduos,

¹ Aqui nos referimos às várias áreas do conhecimento atrelados a vida cotidiana como a formação identitária de um grupo, um estado ou país, assim como da ocupação espacial e formação cultural. Tendo como ponto de convergência a vida diária.

práticas e estruturas da vida diária em um contexto mais amplo da sociedade, como nos coloca Debord (1961):

Deixar de criticar a vida cotidiana hoje significa aceitar o prolongamento do presente de formas completamente corrompidas de cultura e política, formas cuja crise extrema se expressa na apatia política e no neoanalfabetismo cada vez mais disseminados, especialmente nos países mais modernos. Por outro lado, uma crítica radical aos atos da vida cotidiana predominante poderia levar a uma superação da cultura e da política no sentido tradicional, ou seja, a um nível mais elevado de intervenção na vida. (Debord, 1961, p. 92, tradução nossa)

Aceitar a vida cotidiana como elemento de análise é insuficiente, é preciso vislumbrar o quão relevante ela é para servir de instrumento para questionar a realidade em busca de uma compreensão transformadora das instâncias, por exemplo, culturais e políticas na sociedade. O não questionar as práticas da vida diária é o mesmo que fechar os olhos e contribuir para a perpetuação de problemas que percorrem a sociedade em várias direções, como é o caso das questões culturais, políticas, identitárias e de lutas de grupos minoritários, em especial, no momento histórico que vivenciamos.

Ao propormos desenvolver este estudo na seara da vida diária, buscamos ampliar as possibilidades de uma análise crítica verticalizada referente às atividades que moldam o cotidiano, podendo, com isso, ultrapassar a visão tradicional e utilitarista das normas socioculturais e políticas, tornando-as mais flexíveis e abrindo espaço para uma intervenção mais substancial na configuração da vida diária.

Nessa linha de pensamento, vemos os estudos ligados à vida diária como categoria que está entrelaçada aos estudos pós-coloniais, visto que o cenário da vida diária contemporânea reflete diretamente as influências provenientes do passado imperialista ocidental que vivenciamos, isso porque a visão ocidental é frequentemente considerada única e legítima narrativa aceita, segregando outras formas de olhar e de interpretar os espaços. Trata-se de um verdadeiro teatro ao ar livre, em que o espetáculo da vida diária pode, por um lado

[...] apreender a totalidade apenas reduzindo-a a um fragmento ou a uma série de fragmentos (visões de mundo psicológicas, sociológicas, biológicas, filológicas e mitológicas); por outro, situa-se no ponto em que o processo de dessacralização converge com os esforços de ressacralização. Assim, ele pode conseguir impor a imobilidade somente dentro do movimento real, o movimento que a muda apesar de sua resistência. Na era da fragmentação, a organização das aparências faz do movimento uma sucessão linear de instantes sem movimento (esta progressão de entalhes é perfeitamente exemplificada pelo "Materialismo Dialético" estalinista). Sob o que temos chamado "a colonização da vida cotidiana", as únicas mudanças possíveis são mudanças de papéis fragmentados. Em termos de convenções mais ou menos inflexíveis, a pessoa é sucessivamente cidadã, mãe, parceira sexual, política, especialista, profissional, produtora, consumidora. No entanto, que padrão não se sente ele próprio padrão? O provérbio se aplica a todos: às vezes, você pode ser fodido, mas sempre é fodido! A era da fragmentação ao menos eliminou tudo.

A era da fragmentação pelo menos eliminou todas as dúvidas sobre um ponto: a vida cotidiana é o campo de batalha onde a guerra entre o poder e a totalidade acontece, com o poder tendo que usar toda sua força para controlar a totalidade. (Vaneigem, 1963, p. 159, tradução nossa)

A complexidade com que a relação entre o espetáculo, a fragmentação e a vida cotidiana se revelam está alinhada a própria experiência humana, em que o espetáculo visa fragmentá-la, com o intuito de dessacralizar e ressacralizar² a vida cotidiana para então conter seu movimento. Esse processo reflete a ideia de "colonização da vida cotidiana", pois trata-se de um fenômeno na qual as práticas, os valores, normas e influências externas, em muitos momentos, derivadas de estruturas sociais dominantes, invadem e moldam a vida cotidiana das pessoas, de acordo com certas ideologias, padrões culturais ou sistemas de poder.

Pode se manifestar em diferentes situações da vida diária, como cultural, político, econômico e social. A forma de pensar, agir e vivenciar das pessoas são influenciadas por forças externas a suas práticas da vida diária, conduzindo-as,

² **Dessacralização** da vida cotidiana está se referindo a ideia de redução das atividades e relações humanas a elementos funcionais e utilitários, despojando do cotidiano significados mais profundos e espirituais, tornando-o em uma série de tarefas fragmentadas e isoladas. Paralelo a isso temos a **ressacralização**, onde se estabelece o esforço de reintroduzir uma dimensão sagrada, simbólica ou transcendental à vida diária.

muitas vezes, à perda da autonomia frente ao reaparecimento das estruturas de poder dominantes. Que, por vezes, podem invadir e influenciar de forma despercebida ou sutil.

A fragmentação de papéis sociais apresentadas no romance de Ruffato traz essa relação com a colonização da vida diária, enquanto a luta de poder e totalidade se desenvolvem nesse cenário. A polifonia de gêneros se apresenta como um fator de influência externa, através das estruturas de meios de comunicação, notícias e anúncios, que invadem e moldam a vida diária das personagens de modo sutil. A marginalização dos trabalhadores é uma outra forma de demonstrar, no romance, como a colonização da vida diária de manifesta a partir das dinâmicas de poder.

Deste modo, pensar na vida diária é explorar a realidade narrada e vivenciada como fonte de compreensão da existência humana, amalgamando atitudes, comportamentos e transformações socioespaciais. Isso porque é por meio da vida diária que o espaço social é compreendido e a sociedade influencia e é influenciada pelos espaços percebidos, concebidos e vividos.

A presença de movimentos migratórios e imigratórios, por exemplo, podem ser vistos como parte desse processo contínuo de transformações da vida diária, tanto para aqueles que chegam quanto para aqueles que lá permanecem. Com isso podemos dizer que a prática da vida diária pode ser apresentada como o espaço em que ocorrem adaptações de coexistências culturais tangíveis, destacando os espaços percebido, concebido e vivido, como elementos inegáveis nesse processo transformador da sociedade, conforme veremos na próxima seção.

3 A CONCEPÇÃO DOS ESPAÇOS PERCEBIDOS, CONCEBIDOS E VIVIDOS

Os espaços ganham formas variadas a depender do olhar que são lançados sobre eles. Os espaços sociais estão imbricados em uma rede de outros espaços que compõem o social, assim como o físico. Isso porque ao compreendermos que os espaços geográficos e sociais moldam identidades, fica perceptível que a discussão referente aos espaços vai além da simples descrição

de cenários. Os espaços concebidos, percebidos e vividos, não são apenas objetivos e mensuráveis, carregam significados subjetivos e emocionais, que podem influenciar diretamente na construção da identidade das pessoas. No romance *Eles eram muitos cavalos*, de Rufatto, fica evidente como os espaços interagem diretamente com a sociedade, seja retratando as mazelas sociais, seja pela passibilidade de quem transita pelas ruas ignorando os que estão a sua volta.

Nesse sentido, a ideia de que a vivência humana é enriquecida pela interação complexa entre nossas percepções subjetivas, representações mentais e experiências vividas ressalta a profundidade e subjetividade da narrativa de Rufatto. Essa abordagem destaca como os espaços são elementos dinâmicos que contribuem significativamente para a riqueza da nossa experiência humana, como observado por Lefebvre (1991) em *A Produção do Espaço*.

Dentre os espaços, o espaço social é aquele que se apresenta como uma rede que conecta outras formas de espaços como: espaço cultural, identitário, político e de classes sociais.

Para Lefebvre (1991)

O espaço social, o espaço da prática social, o espaço das relações sociais de produção e de trabalho e não-trabalho (relações que são em maior ou menor grau codificadas) - este espaço está de fato condensado no espaço monumental.

[...]

A análise do espaço social - neste caso, do espaço monumental - traz à tona muitas diferenças: o que parecia simples no início agora emerge como cheio de complexidades. [...] essas complexidades não podem ser ditas como sendo mutuamente definidoras ou isomórficas: elas são verdadeiramente diferentes. (Lefebvre, 1991, p. 225-226, tradução nossa)

De acordo com Lefebvre (1991), é no espaço monumental³ que a complexidade do espaço social emerge. Isso porque nesse espaço está inserido

³ O espaço monumental para Lefebvre (1991) refere-se à ideia de espaço como uma construção social que reflete relações de poder e dominação na sociedade, não apenas um contêiner neutro para atividades humanas.

uma série de elementos, como práticas, relações sociais de produção e trabalho, contemplando não apenas estruturas isoladas da sociedade, mas também expressões visíveis e simbólicas de dinâmicas sociais mais profundas.

Na mesma direção, Milton Santos (2006) destaca que

[...] o espaço é um misto, um híbrido, formado como já o dissemos, da união indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações. Os sistemas de objetos, o espaço-materialidade, formam as configurações territoriais, onde a ação dos sujeitos, ação racional ou não, vem instalar-se para criar um espaço. Este espaço - o espaço geográfico - é mais que o espaço social dos sociólogos porque também inclui a materialidade. (Santos, 2006, p. 199)

Como apresentado por Milton Santos (2006), o espaço é um híbrido, entrelaçando sistemas de objetos e sistema de ações. O primeiro refere-se aos elementos materiais e fixos presentes no espaço, como as estradas e cidades, enquanto o outro refere-se as práticas e interações dinâmicas que ocorrem nesse ambiente, como relações humanas, comércio e comunicação. Nesse sentido, o hibridismo do espaço está justamente nessa junção do físico com o social, dos elementos tangíveis com os intangíveis.

Ao considerarmos os espaços híbridos, de Milton Santos (2006), como elementos constituintes do espaço social; também podemos deduzir que os espaços percebidos, concebidos e vividos, preconizados por Lefebvre (1991), também possuem estreita relação com a própria dinâmica da vida diária.

Discorrendo sobre os espaços apontados é possível compreendê-los da seguinte forma, segundo Lefebvre (1991): O espaço percebido refere-se à forma que percebemos, a partir de nossas experiências sensoriais e subjetivas o espaço que nos rodeia; já o concebido refere-se à forma que o espaço é representado, por meio de concepções, como: planos, projetos urbanistas e de edificação elaborados por arquitetos; e, por fim, o espaço vivido refere-se a forma que o espaço é experimentado pelas pessoas. A sensação de estar em um parque cheio de árvores, pássaros e outras pessoas, ou de vivenciar acontecimentos.

Considerando as três formas de espaços destacados por Lefebvre (1991) alinhados com aquelas apontadas por Milton Santos (2006), podemos constatar uma conexão entre elas, representadas na materialidade do espaço (objetos) relacionado com as práticas humanas (ações). Nesse sentido, a dimensão do espaço percebido de Lefebvre (1991) pode ser relacionada à análise das percepções e das experiências que interferem nas ações e interações das pessoas no espaço, relacionando-se, em parte, com a ideia apresentada por Milton Santos (2006) em relação aos sistemas de ação. Com isso é possível afirmar que os sistemas de objetos e de ações estão imbricados aos espaços percebidos, concebidos e vividos. Os sistemas de objetos estão ligados ao espaço físico e às representações, enquanto os sistemas de ações estão ligados ao espaço das sensações. O espaço vivido identifica-se com o espaço híbrido apontado por Milton Santos (2006), que corresponde a fusão desses espaços distintos.

Diante do exposto, podemos dizer que é no espaço social que os espaços percebido, concebido e vivido irão impulsionar a vida cotidiana nos espaços, tornando-a dinâmica. Essa engrenagem da vida diária em meio aos acontecimentos que percorrem os espaços só pode ser percebida por meio das formas de olhar para o meio socioespacial.

4 A LITERATURA CONTEMPORÂNEA: UMA BREVE EXPLANAÇÃO

O romance *Eles eram muitos cavalos*, de Ruffato, é uma manifestação típica da literatura contemporânea. Isso porque, dentro do que se compreende por literatura contemporânea, Schollhammer (2009) destaca, ao analisar a literatura brasileira contemporânea, dois momentos de inovação no texto literário: o brutalismo e a prosa intimista. No que confere ao romance de Ruffato (2013) trata-se de uma obra que traz em si um brutalismo, em virtude da forma como o autor faz uso da linguagem e da representação estrutural do texto.

No romance, a apresentação nua e crua das condições sociais pela qual as personagens são descritas carregam esse estilo brutalista, destacando as

condições sociais, econômicas e políticas de forma impactante, levando o leitor a confrontar a realidade nua e crua na narrativa *Eles eram muitos cavalos*.

A fragmentação da narrativa, a polifonia de gêneros textuais e a linguagem que reflete a dureza da vida cotidiana, faz com que a obra seja brutal em sua representação do real. Nesse sentido, a respeito da literatura contemporânea, Schollhammer (2009) destaca que, na literatura, ser

Um contemporâneo é aquele que, graças a uma diferença, uma defasagem ou um anacronismo, é capaz de captar seu tempo e enxergá-lo. Por não se identificar, por sentir-se em desconexão com o presente, cria um ângulo do qual é possível expressá-lo. Assim, a literatura contemporânea não será necessariamente aquela que representa a atualidade, a não ser por uma inadequação, uma estranheza histórica que a faz perceber as zonas marginais e obscuras do presente, que se afastam a sua lógica (Schollhammer, 2009, p. 9-10).

A partir do excerto acima, a literatura contemporânea brasileira carrega em si uma abordagem heterogênea, descartando a homogeneidade. Por ser heterogênea ela não se prende a limitações como vista nas escolas literárias anteriores⁴, a ordem é romper os limites e reinventar a literatura, abrindo caminho para diversas expressões no campo literário.

Com isso, a literatura ganha novos contornos, passando a ser heterodoxa, ou seja, rompe com os padrões, normas e dogmas estabelecidos pelas escolas literárias anteriores, se comprometendo com temas que dão ênfase às críticas sociais e políticas, contrastando a qualquer forma de autoritarismo em prol de um realismo histórico e/ou cruel.

Em *Eles eram muitos cavalos* nos deparamos com esse realismo histórico e cruel, pois vemos na narrativa a representação nua e crua de uma sociedade doente, concentrando sua atenção em personagens que vivem à margem da sociedade, assim como as imposições do poder sobre os trabalhadores, que repetem suas rotinas diariamente, expondo a face sombria da sociedade e de uma elite sem caráter.

⁴ As limitações que mencionamos podem incluir restrições temáticas, formais ou estilísticas que eram características típicas dos movimentos literários anteriores ao contemporâneo.

Essa construção é um reflexo das práticas do cotidiano imersas em espaços sociais, as quais são retratadas através do entrelaçar entre o real e o ficcional, assim como do uso da oralidade da vida diária e de uma linguagem que explora a liberdade de expressão do narrador.

Como é na vida diária e nos espaços sociais que a narrativa de Ruffato (2013) é moldada, ganhando formas polifônicas na estrutura e gêneros textuais, passaremos a analisar o romance *Eles eram muitos cavalos*.

5 O OLHAR POLIFÔNICO EM *ELES ERAM MUITOS CAVALOS*, DE LUIZ RUFATO

O romance *Eles eram muitos cavalos*, de Luiz Ruffato, se desenvolve não só pela linguagem, como também através da representação imersa na linguagem. Com isso temos uma linguagem representativa do espaço, ou do ambiente em que as cenas acontecem. Nessa linha podemos dizer que a representação literária trata-se de um conjunto de momento lincados à vida diária, como se construíssem enredos a partir do cotidiano, narrassem acontecimentos que se desenvolvem a cada página que se constrói no limiar de outra: páginas da vida diária.

Deste modo, a literatura é uma representação complexa, moldada por movimentos miméticos, não só do cotidiano, como também na própria dinamicidade das cenas que vão se construindo ao longo das narrativas ficcionais. Isso se pesarmos na visão canônica de início meio e fim do enredo narrado.

Contudo, salientamos que a literatura, assim como a própria existência humana, é mutável, sofre transformações, metamorfoses que propiciam novas formas de conceber o mundo a sua volta. Nesse contexto, a obra *Eles eram muitos cavalos*, de Luiz Ruffato, se constrói a partir da fragmentação da vida diária. Um conjunto de textos que fogem a estrutura tradicional da literatura clássica com início meio e fim. A obra de Ruffato é construída a partir de um conjunto de representações do cotidiano de pessoas que transitam pelas ruas

da cidade, assim como de operários que se deslocam para seu trabalho, ou retornam, ocupando espaços físicos e sociais.

Para além da linguagem temos a estrutura textual adotada pelo autor na construção do texto narrativo, utilizando uma diversidade de gêneros textuais, uma polifonia textual que representa a dinâmica da vida diária, assim como os espaços sociais que vão sendo decodificados ao longo da obra.

Nessa linha, podemos dizer que a obra de Ruffato é construída por momentos que se iniciam e se perdem no tempo, fluido e inalterável. É como se o narrador andasse pelas ruas observando, com atenção, os acontecimentos a sua volta, mas sem se prender a nenhuma delas: o espaço urbano, um constructo que ganha forma a partir dos olhares das personagens em constante movimento, revelando como diferentes personagens percebem, concebem e vivenciam a cidade. Uma polifonia de olhares, vozes e fatos que se mesclam durante toda a narrativa, que se inicia com o cabeçalho de uma carta logo na primeira cena da obra:

1. Cabeçalho

São Paulo, 9 de maio de 2000.

Terça-feira.

(Ruffato, 2013, local. 06)

Percebe-se que a proposta do autor logo no início da obra é a de escrever uma carta, mas não uma simples reprodução linear de fatos, trata-se de um conjunto polifônico de gêneros textuais distintos, mas que no decorrer da obra vão se amalgamando em prol de uma composição que intenta reproduzir vários momentos da vida diária em uma narrativa típica da vida cotidiana da cidade de São Paulo. Nesse conjunto polifônico de gêneros, destaca-se a carta, anúncio de jornal sobre o clima e outras notícias retratadas na obra, descrições, poemas, contos, crônicas, dentre outras construções que fazem uso de metáforas e figuras de linguagem que intensificam o dia a dia do paulistano no dia 09 de maio de 2000, como indicado no primeiro momento da obra.

Além da polifonia de gêneros textuais que se manifestam em um ato quase simultâneo na composição da obra *Eles eram muitos cavalos*, a vida diária

também tem um espaço significativo na composição polifônica dos acontecimentos representados nessa obra de Ruffato.

Esse espaço mencionado se estrutura a partir do que Lefebvre (1991) destaca como sendo o espaço social, que se reproduz a partir da interação entre os indivíduos e esses com o meio a que pertencem. Em outras palavras, o espaço é uma produção, ou seja, não pode ser pensado nela mesma, mas sim por meio da realidade social que se constrói a partir desse conjunto de vozes, fatos e estruturas que convergem vários gêneros textuais a fim de promover uma desarticulação com o tradicional, aproximando ainda mais a arte literária da vida cotidiana. Felski (2000) destaca que

[...] o cotidiano é cotidiano porque não está mais ligado ao milagroso, ao mágico ou ao sagrado. [...] reconhece a realidade primordial compartilhada de uma realidade mundana e material embutida no mundo. Todos, desde os mais famosos aos mais humildes, comem, dormem, bocejam, defecam; ninguém escapa do alcance do cotidiano. O cotidiano, em outras palavras, não descreve apenas a vida das pessoas comuns, mas reconhece que cada vida contém um elemento do comum. Estamos todos ancorados, em última análise, no mundano. (Felski, 2000, p. 79, tradução nossa)

A partir da fala de Felski (2000), percebe-se que a aproximação do discurso literário com o cotidiano vincula-se aos acontecimentos do mundano, no reconhecimento de que cada indivíduo, personagem, possui elementos que se misturam aos demais membros de uma sociedade, como descrito na passagem acima: “comem, dormem, bocejam, defecam; ninguém escapa do alcance do cotidiano”. A esse respeito, Ruffato (2013), em sua obra *Eles eram muitos cavalos*, retrata esse mundano não só pelo discurso, mas também pela própria composição textual.

Neste romance, Ruffato (2013) traz para seu texto uma variedade de situações e acontecimentos que se desdobram em temáticas diversas, em sua maioria vinculada aos trabalhadores da cidade de São Paulo, em sua maioria pobres, esquecidos no tempo e no espaço vivenciado. Assim, a obra retrata de perto diferentes tipos de indivíduos em diferentes momentos do dia, como se trabalhasse em um processo de bricolagem, um mosaico de cenas da vida diária.

Esse mosaico se apresenta não só nos episódios que se adentram a obra, mas nos próprios episódios que, a partir da estrutura tipográfica do texto, a disposição visual, como pinceladas em uma tela de pintura em branco, construindo novos significados pela disposição das cores. O rompimento da linearidade textual também traz representações que demonstram a descontinuidade da forma em prol da construção de um novo espaço na narrativa, como pode ser observado no fragmento abaixo:

7.66

A vibração do número de hoje estimula a realização dos aspectos materiais da vida

(mais dinheiro e prestígio)

pode contar com a ajuda de

um amigo influente

pode receber uma promoção

ou herança:

o momento é para ser prático

e objetivo.

(Ruffato, 2013, local. 17)

Percebe-se que a passagem acima demonstra um rasgo da estrutura textual, marcando a ideia de ruptura, ou da descontinuidade do antigo para a presença do novo, representado uma característica evidenciada pelo cotidiano, que se desenvolve em meio à fragmentação típica do da vida diária, e é nessa representação da vida diária que Ruffato aproveita bem do sentido poético, alinhado à estrutura fragmentada do texto para representar as várias facetas ligadas aos desejos dos indivíduos e às relações de poder instituídas pelo capitalismo em detrimento da força de trabalho. A relação de poder se manifesta nas passagens “um amigo influente”, “ou herança”, ambos demonstrando o poder subjacente das relações socioespaciais estabelecidas na cidade.

Cabe mencionar, que a relação de poder apresentada acima, não se restringe apenas ao dizível, a própria obra em si é uma forma de resistência e luta por aqueles que se atrofiam na mudez do cotidiano. A obra, como já dito, é um repensar os moldes canônicos, da mesma forma que Ginzburg (2012, p. 203) destaca em seu texto *O narrador na literatura brasileira contemporânea*, de que os recursos tipográficos e estéticos escolhidos pelo escritor traz para a baila do

romance um vislumbre político emergido de críticas na narrativa. Esse vislumbre se constrói a partir de um confronto entre a obra *Eles eram muitos cavalos* com a tradição, o conservadorismo canônico. Esse confronto está pautado não só nas temáticas elencadas por Ruffato (2013), como também na própria elaboração e estruturação da linguagem proposta para o romance.

Esse mover de águas contribuiu para que autores, como Ruffato, pudessem repensar, ou seja, “[...] interpretar o país a partir de horizontes historicamente condenados à mudez. Grupos sociais historicamente oprimidos elaboram, em novos autores, em narradores ficcionais, as condições para a presença dos excluídos.” (Ginzburg, 2012, p. 203)

Nessa toada, Ruffato (2013) busca compreender a essência da literatura de ficção, não no sentido clássico da palavra, mas sim na transformação, ou melhor dizendo, na metamorfose que o autor propõe para a produção literária. Pois, se pensarmos em um romance construído por fragmento da vida cotidiana, ou da realidade imutável, é isso que será visto, um conjunto de elementos e acontecimentos que se moldam à vida urbana contemporânea, que visa acompanhar as múltiplas realidades que vão se construindo a partir do tempo e do espaço, que prima pela velocidade e dinamicidade do cotidiano.

É válido destacar que a obra de Ruffato é a representação de um espaço que se constrói a partir de fragmentos do cotidiano, formando um mosaico da vida cotidiana que se molda em diversidades polifônicas, em que cada um dos capítulos se apresenta de modo isolado entre si, mas complementares de uma historiografia do espaço social. O uso dessa fragmentação aliada a polifonia da vida cotidiana do romance se apresenta como emancipatória, pois “é nas conexões textuais entre formas e temas que as mudanças se tornam visíveis. [...]” aliadas “[...] a combinação delicada entre recursos de fragmentação, temas ligados à repressão e proposições associadas à necessidade de repensar a história.” (Ginzburg, 2012, p. 203)

Notem que o romance, aqui analisado, está em um patamar emancipatório, não só enquanto arte, mas principalmente como um reflexo da vida cotidiana reproduzida a partir de um dia de trabalho na cidade de São Paulo. Essa emancipação cruza todo o romance *Eles eram muitos cavalos*, traçando

um retrato típico da sociedade paulista, em especial dos trabalhadores e da população pobre de São Paulo. Dentre os recortes feitos por Ruffato, destaca-se aqui o episódio *Ratos*, que retrata uma família pertencente a um grupo social que foi silenciado tanto pela história quanto por uma parcela da sociedade paulista que olha para o lado, ignorando os que se apresentam à sua frente.

No episódio mencionado, o silêncio é quebrado. O autor retrata com detalhes intrínsecos e extrínsecos a própria mazela humana, fruto de um sistema capitalista moldado pelo poder. Esse molde evidencia o local da coexistência da vida humana, independente da classe social, que vivencia, de forma simultânea, os conflitos inerentes a exploração que visa estabelecer os sujeitos e os assujeitados dessa relação de poder. Em *Ratos*, Ruffato (2013) evidencia a mazela humana, fruto desses conflitos de poder:

Um rato, de pé sobre as patinhas traseiras, rilha de uma casquinha de pão observando os companheiros que se espalham nervosas por sobre a imundície, como personagens de um videogame. Outro, mais ousado, experimenta mastigar um pedaço de pano emplastrado de cocô mole, ainda fresco, e, desazado, arranha algo macio e quente, que imediatamente se mexe, assustando-o. No após, refeito, aferra os dentinhos na carne tenra, guincha. Excitado, o bando achega-se, em convulsões.

O corpinho débil, mumificado em trapos fétidos, denuncia o incômodo, desarma-se para o berreiro, expele um choramingo entretanto, um balbucio de lábios magoados, um breve espasmo. A claridade envergonhada da manhã penetra desajeitada pelo teto de folhas de zinco esburacadas, pelos rombos nas paredes de places de outdoors. Mas, é noturno ainda o barraco.

A chupeta suja, de bico rasgado, que o bebê mordiscava, escapuliu rolando por sobre a irmãzinha de três anos, que, a seu lado, suga o polegar com a insaciedade de quando mamava nos seios da mãe. O peitinho chiou o sono inteiro e ela tossiu e chorou, porque o cobertor fino, muxibento, que ganharam dos crentes, o irmãozinho de 6 anos enrolou-se nele. (Ruffato, 2013, local. 21-22)

Percebemos, a partir do excerto acima, um retrato da sociedade marginalizada que está inserida nessa vida cotidiana proposta por Ruffato, a partir da obra em análise. A complexidade presente em *Eles eram muitos cavalos* está no nível do existencialismo humano, cuja concepção da vida diária é a que melhor se adapta a realidade mimética transcrita pelo autor, que busca se

caracterizar “[...] tanto pela intermedialidade e embaralhamento das fronteiras entre palavras e imagens, como também pela forte presença de jogos com a memória” (Selligman-Silva, 2005, p. 137).

Deste modo, a partir da reflexão feita até o momento, compreendemos que o romance *Eles eram muitos cavalos* está pautado em um conjunto mimético que transcende a ideia de existir por si mesmo, ou seja, do romance para o romance, ela está versada nos moldes de uma pintura, de um retrato em movimento alinhado à realidade cotidiana, à vida diária da metrópole paulista. A construção dos espaços dentro de um tempo limitado, um único dia da cidade de São Paulo, demonstra o quanto o cotidiano pode ser captado e de como esse cotidiano promove uma relação intrínseca entre o indivíduo, o meio e o espaço que ocupa diariamente, como um reflexo da própria existência humana.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depreendemos, a partir do que foi pesquisado, que a vida diária se desenvolve dentro de um ritual dinâmico e contínuo, em que os espaços sociais e o tempo se entrelaçam na manifestação dos atos cotidianos, atitudes que moldam o momento e as ações que vão se repetindo durante o processo diacrônico do indivíduo entrelaçado aos outros indivíduos presentes na sociedade local. No romance *Eles eram muitos cavalos* é perceptível a construção do espaço a partir dos retratos dinâmicos propostos por Ruffato, já que a obra é constituída de um processo de bricolagens de gêneros textuais que se amalgamam pela referência da vida diária, do cotidiano.

Os episódios, a partir dos trechos dispostos no estudo, assim como da própria obra, demonstram uma desarticulação da literatura de ficção convencional, em que cada episódio retrata um indivíduo ou um grupo de pessoas, ou famílias que transitavam pelas ruas da cidade de São Paulo, ou simplesmente sobreviviam a mais um dia de sofrimento e mazela.

Assim, podemos compreender que a obra *Eles eram muitos cavalos* se apresenta a partir de um projeto multifacetado de situações momentâneas, como se fossem crônicas de uma poética de ruínas. São Paulo é representada a partir

dessas fissuras e dessas reentrâncias como uma composição polifônica do caos metropolitano, cujas notas são dedilhadas de forma irregular, mas que ao final do dia a musicalidade se “harmoniza” em uma rapsódia do cotidiano paulista.

REFERÊNCIAS

- DEBORD, Guy. Perspectives for Conscious Changes in Everyday Life. 1961. p. 90-99. *Situationist International anthology*. [edited and translated by Ken Knabb]. Rev. and expanded ed. Berkeley, CA: Bureau of Public Secrets, 2006. <https://lccn.loc.gov/2006907656>. Disponível em: <https://files.libcom.org/files/Situationist%20International%20Anthology.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2024.
- FELSKI, Rita. *Doing Time: Feminist Theory and Postmodern Culture*, New York, USA: New York University Press, 2000.
- GINZBURG, Jaime. O narrador na literatura brasileira contemporânea. *Tintas. Quaderni di letteratura iberiche e iberoamericane*, n. 2, p. 199-221, 2012. Disponível em: <https://riviste.unimi.it/index.php/tintas/article/view/2790>. Acesso em: 01 nov. 2023.
- LEFEBVRE, Henri. *The production of space*. translated by Donald Nicholson-Smith. Blackwell: Oxford, 1991.
- RUFFATO, Luiz. *Eles eram muitos cavalos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. Apple Books.
- SANTOS, Milton, 1926-2001. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção* [E-Book]. 4. ed. 2. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. - (Coleção Milton Santos; 1)
- SELLIGMAN-SILVA, Márcio. *O local da diferença: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução*. São Paulo: ed. 34, 2005.
- SCHOLLHAMMER, Karl Erik. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- VANEIGEM, Raoul. Basic Banalities (Part 2). 1963. p. 154-173. *Situationist International anthology*. [edited and translated by Ken Knabb]. Rev. and expanded ed. Berkeley, CA: Bureau of Public Secrets, 2006. <https://lccn.loc.gov/2006907656>. Disponível em: <https://files.libcom.org/files/Situationist%20International%20Anthology.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2024.